

# Neolitização e megalitismo: arquitecturas do tempo no espaço

■ MARIANA DINIZ<sup>1</sup> ■

- E põem pedras nos túmulos? – perguntou Fidèle.
- Às toneladas – garantiu o Major.
- Esculpidas? – perguntou Fidèle.
- Completamente – disse o Major.
- E como?
- Em forma de pedras! – concluiu o Major...

Boris Vian  
*As Formigas*

**RESUMO** É objectivo principal deste texto questionar o papel desempenhados pelo megalitismo funerário no processo de neolitização do actual território português, reflectindo acerca da sua materialidade e conteúdo, procurando ler os signos repetidos nestes sítios de morte. Apresenta-se uma sistematização dos principais dados existentes procurando demonstrar quais os elementos estruturantes do sistema social neolítico que estavam já definidos no Neolítico Antigo e quais os sectores envolvidos na dinâmica da transformação cultural.

**ABSTRACT** The principal goal of this paper is to question the role played by funerary megaliths in the process of neolithization within the present-day Portuguese territory, to reflect on their materiality and contents, and to attempt to read the repeated signs in these sites of death. The paper presents a systematization of the principal data that exist and seeks to demonstrate which structuring elements of the Neolithic social system were already defined in the early Neolithic and which were those factors involved in the dynamic of cultural transformation.

## I. Introdução

---

Muitas seriam as questões pertinentes que, neste momento, poderíamos colocar ao registo arqueológico procurando esclarecer a estrutura (pré)histórica que permitiu a eclosão do fenómeno megalítico funerário, mas estamos seguros que muitas delas ficariam sem resposta.

Faltam-nos dados relativos às estruturas sociais neolíticas, não existem sequências suficientemente numerosas de datações absolutas que permitam cronologias finas de construção e utilização destes monumentos, cronologias indispensáveis para, a escalas distintas, colocar no tempo, arquitecturas, espólios e rituais.

Aguardamos ainda o estabelecimento de inequívocas conexões entre monumentos funerários e sítios de *habitat*, difíceis de antever uma vez que os povoados contemporâneos são ainda mal conhecidos.

Nos últimos anos têm vindo a ser identificados, em distintos pontos do território nacional, numerosos sítios de *habitat* que podemos integrar nas fases iniciais do Neolítico, no entanto permanecem ainda pouco visíveis no registo arqueológico as ocupações que corresponderiam ao Neolítico Médio, tornando difícil a caracterização das comunidades responsáveis pela construção dos primeiros monumentos megalíticos.

Ao Neolítico Médio, e portanto aos alvares do megalitismo deviam corresponder povoados com cerâmica lisa, a julgar pela natureza dos materiais recolhidos no interior dos monumentos funerários, traduzindo um momento avançado da diacronia neolítica, mas onde não estivesse presente um indicador comum aos sítios do Neolítico Final, a taça carenada.

A ausência de um elemento da cultura material que possa com alguma segurança caracterizar os conjuntos domésticos do Neolítico Médio é em parte responsável pela dificuldade de identificação destes sítios de *habitat*.

O megalitismo foi explanado, segundo posturas funcionalistas sejam estas processuais ou marxistas, enquanto consequência necessária do desenvolvimento das estratégias produtivas, da competição pela posse dos terrenos agricultáveis, da criação e reforço do papel social das linhagens.

Estes monumentos funerários entendidos como marcos territoriais indicariam um progressivo afastamento de um estágio de comunismo primitivo, e a sua utilidade no mundo dos vivos justificava o investimento de energia social que estas construções, sem retorno económico directo, exigiam.

Esta explanação funcionalista do megalitismo funerário, que não questiona os princípios simbólico-culturais subjacentes ao fenómeno, pressupõe a existência de um patamar tecnológico e económico que exigisse estas construções, no entanto a própria diacronia das construções/utilizações e a sua expansão geográfica indicam tratar-se de um comportamento pertencente a sociedades não em um, mas em múltiplos estádios civilizacionais.

Considero, no entanto ter havido um princípio mental comum a grupos que não se assemelham do ponto de vista económico, tecnológico, artefactual, um princípio comum que importa discutir.

Não é possível, no entanto, pensar acerca das origens do megalitismo funerário sem discutir o papel que, numa etapa prévia e de duração ainda não definida, desempenharam as comunidades neolíticas que ocuparam o interior do território português.

Analisando a informação actualmente disponível, e construindo por isso um discurso datado, parecem tornar-se evidentes as diferenciadas velocidades de transformação cultural dos distintos subsistemas sociais, ao longo da diacronia neolítica.

Se a realidade arqueográfica relativa ao povoamento no Neolítico antigo traduz, ainda que por defeito, uma ocupação efectiva, mesmo que esparsa, do território nacional, constatamos ao longo do Neolítico a existência de rupturas profundas no campo da cultura material, das atitudes assumidas face aos mortos, das manifestações arquitectónicas, sendo, em contraste, progressiva a expansão económica do sistema produtor até ao momento da Revolução dos Produtos Secundários.

São comunidades produtoras de alimentos, culturalmente distintas ao longo da “diacronia megalítica”, e que alteraram de forma decisiva, em consequência da Revolução dos Produtos Secundários, a sua relação com o espaço natural e social envolvente, “It is not well into agriculture’s history, four millennia after it began to spread across Europe...that permanent transformations of the ecosystem, associated with agricultural communities, are for the first time evident from the pollen record on a continental scale...” (Jones et al., 1996, p. 95).

É objectivo principal deste texto questionar o papel desempenhado pelo megalitismo funerário no processo de neolitização do actual território português, reflectindo acerca da sua materialidade e conteúdo, procurando ler os signos repetidos nestes sítios de morte.

## 2. Breves considerações acerca do povoamento do Neolítico Antigo

---

O desenvolvimento nos últimos anos de projectos de prospecções e escavações sistemáticas em distintas áreas do nosso território tem permitido a elaboração de uma nova cartografia neolítica que em muito ultrapassa os esquemas tradicionais apresentados ao longo da década de 70 e 80.

A fiabilidade dos dados que podemos utilizar é muito desigual e porque informação de outra natureza não está ainda disponível a cultura material, nomeadamente a presença de cerâmicas decoradas, desempenha nesta síntese, que não se pretende exaustiva, mas apenas representativa, um papel de fóssil director, ao qual se reconhecem evidentes fragilidades interpretativas.

As notícias de que dispomos são, na sua maior parte, preliminares, informação sucinta e o espólio analisado nem sempre é graficamente apresentada pelo que em algumas circunstâncias poderemos considerar como pertencendo a um mesmo momento cultural conjuntos artefactuais de períodos distintos e com poucas semelhanças entre si.

Apresenta-se uma sistematização dos dados existentes procurando demonstrar que elementos estruturantes do sistema social neolítico estavam já definidos no Neolítico Antigo e quais os sectores envolvidos na transformação cultural.

### 2.1. Estratégias de implantação na paisagem

O modelo de povoamento definido para as etapas iniciais do Neolítico, caracterizado por ocupações no litoral, privilegiando zonas baixas, sem condições de defesa ou de domínio da paisagem, em solos arenosos, com débil vocação agrícola, é neste momento insuficiente para lidar com a diversidade de situações verificadas no registo arqueológico.

A implantação em lugares de altitude, conceito subjectivo e relativo ao espaço envolvente, que já figurava como característica do problemático “Grupo da Furninha” (Guilaine et al., 1976) associada à ocupação neolítica do sítio de Olelas, que parecia contradizer o padrão de povoamento estabelecido para o Neolítico antigo, confirma-se através dos resultados obtidos no sítio de São Pedro de Canaferrim, Sintra (Simões, 1996).

Associam-se, em São Pedro, um conjunto artefactual antigo no quadro da diacronia neolítica e duas datações absolutas que evidenciam a exploração da Serra já nos finais do VI, primeiro quartel do V milénio a.C. (Simões, 1996, p. 331), demonstrando a capacidade destes grupos, desde as primeiras etapas do Neolítico, na exploração de distintos ecossistemas.

A ocupação numa etapa antiga do Neolítico do interior do território, até a pouco exclusivamente demonstrada pela presença de cerâmicas cardiais na gruta do Escoural, se atendermos aos materiais arqueológicos recolhidos e a algumas datações, ainda que polémicas, parece confirmar-se sugerindo uma maior rapidez de expansão a partir da costa de práticas e comunidades neolíticas e/ou a existência de vias alternativas de cariz continental de difusão dos novos esquemas culturais (Diniz, 1994).

O modelo tradicional de uma antiga ocupação neolítica de cariz marcadamente atlântico e cuja expansão para o interior seria contemporânea dos primórdios do megalitismo funerário é parcialmente ultrapassado quando confrontado com a informação fornecida por alguns trabalhos e sítios arqueológicos.

O Buraco da Pala, Mirandela, cujo espólio lítico e cerâmico da base do nível IV, datado dos finais do VI, primeira metade do V milénio cal BC, apresenta uma aparente sintonia com etapas antigas do Neolítico meridional, e onde estão presentes indicadores

directos de práticas agrícolas cerealíferas (Sanches, 1996, p. 12-15), que permitem caracterizar o subsistema económico destas comunidades enquanto efectivos produtores de alimentos, demonstraria uma total sintonia cronológica entre a neolitização do litoral e do interior do território.

A existência de macro-restos de cereais e de leguminosas, trigo, cevada e fava (Sanches, 1996, p. 12), indicaria uma precoce estratégia agrícola da exploração do espaço, que não irá conhecer alterações significativas ao longo de todo o Neolítico.

A antiguidade das datações obtidas e o carácter agrícola desta comunidade, situada no interior do território peninsular, mas cronológica e culturalmente semelhante às comunidades neolíticas da bacia do Mediterrâneo ocidental, colocam variadas questões acerca dos processos de difusão cultural no espaço peninsular, das fórmulas de transmissão de conhecimentos e de elementos tão rapidamente aplicados/integrados por parte destes grupos.

O sítio de *habitat* das Carriceiras, Carregal do Sal, não possuindo datações absolutas, forneceu um conjunto de materiais arqueológicos, líticos e cerâmicos, que corresponderiam naquela área a uma etapa neolítica pré-megalítica, com afinidades no Neolítico antigo evoluído da Estremadura portuguesa (Senna-Martinez, 1994, p. 237).

A ocupação, numa etapa recuada do Neolítico — primeira metade do V milénio a.C. — da bacia interior do Mondego é também proposta a partir da análise de conjuntos artefactuais provenientes do Buraco da Moura de São Romão e Penedo da Penha 1 (Valera, 1997, p. 165-167).

A presença de cerâmicas com motivos e técnicas afins dos materiais definidores do Neolítico antigo meridional, a presença de uma indústria lítica de natureza microlaminar, constituem o suporte material que permitirá identificar uma etapa de povoamento neolítico, ocupando grutas ou sítios de ar livre, anterior à construção dos primeiros monumentos megalíticos da região.

A ausência de datações absolutas, a exiguidade do conjunto artefactual recuperado ou a ausência de uma notícia mais detalhada, são obstáculos à caracterização cronológica e cultural destes grupos, no entanto a sua identificação permite redefinir os territórios ocupados ao longo do Neolítico pré-megalítico, e a diversidade de estratégias de exploração do espaço existentes.

As sondagens realizadas no povoado das Pipas, Reguengos de Monsaraz, forneceram materiais arqueológicos líticos e cerâmicos que permitiram integrar esta ocupação numa etapa neolítica de tradição antiga, contemporânea dos inícios do megalitismo na região (Soares e Silva, 1992, p. 54-61).

Dada a reduzida dimensão, que pode ser responsável pelo “ar de antiguidade” do conjunto artefactual recolhido torna-se difícil a partir destes dados caracterizar culturalmente um grupo ou filiar cronologicamente estes materiais.

A área de Reguengos de Monsaraz onde se poderão encontrar alguns dos mais antigos monumentos do megalitismo funerário não forneceu ainda dados que possam com fiabilidade, e à semelhança do verificada nas regiões vizinhas de Évora e Montemor-o-Novo ser integrados em algum momento do Neolítico Antigo.

As escavações realizadas no Cromeleque de Cuncos, Montemor-o-Novo, e os trabalhos efectuados junto ao menir da Courela de Casa Nova permitiram identificar num extenso povoado aberto, materiais cerâmicos tipologicamente integráveis numa etapa terminal do Neolítico Antigo (Gomes, 1994, p. 327), situação semelhante à verificada nas imediações do Cromeleque dos Almendres, Montemor-o-Novo, onde a presença de cerâmicas decoradas recolhidas nas escavações do Cromeleque e de um povoado próximo confirmam a existência de uma ocupação que remonta aos inícios do Neolítico (Gomes, 1994, p. 334).

As prospecções sistemáticas realizadas a partir do Cromeleque de Vale Maria do Meio, Évora, forneceram nos últimos anos um importante conjunto de sítios arqueológicos que correspondem a uma densa mancha de povoamento integrável, pela análise dos materiais recolhidos, numa fase evoluída do Neolítico antigo ou de transição para o Neolítico médio (Calado e Sarantopoulos, 1995, p. 496-502).

Os trabalhos de prospecção e a realização de uma campanha de escavações no povoado da Valada do Mato, Évora, permitiram confirmar através da análise da cultura material recolhida, abundantes fragmentos cerâmicos decorados com técnicas e motivos do Neolítico Antigo e uma indústria lítica de feição lamelar, a cronologia antiga desta ocupação neolítica (Diniz e Calado, 1998).

A densidade de artefactos recolhidos na pequena área de escavação da Valada do Mato, ultrapassando as três centenas de registos individuais entre material lítico lascado e polido e fragmentos cerâmicos, permite identificar uma precoce neolitização do interior que não se traduz apenas em ocupações frustradas e pontuais, mas associada ao estabelecimento de sítios intensamente ocupados, prováveis focos dinamizadores do povoamento.

O sítio da Valada do Mato não existe isolado como ilha civilizacional rodeado por uma paisagem deserta, a cerâmica cardial da gruta do Escoural ainda recentemente considerada como a mais interior (Araújo e Lejeune, 1995, p. 52), e um pouco aberrante penetração de grupos do Neolítico antigo, justifica-se claramente neste contexto que obriga a admitir uma neolitização do interior, aparentemente, contemporânea da neolitização, que se suponha tão precoce, do litoral.

Avolumam-se assim os indícios, ainda que frágeis, de uma efectiva ocupação e exploração do interior do território português por parte de comunidades do Neolítico antigo numa demonstração efectiva do expansionismo cultural que acompanhou estas primeiras sociedades agro-pastoris (?) do Ocidente peninsular.

Ultrapassa-se de forma definitiva o modelo de neolitização que associava o estabelecimento de técnicas de produção de alimentos no interior do território a comunidades que seriam também responsáveis pela construção dos mais arcaicos monumentos megalíticos.

A localização geográfica destes sítios demonstra também a mobilidade destas comunidades produtoras de alimentos, num esquema onde a componente agrícola foi certamente minoritária, e que rapidamente se apropriaram do espaço ao seu dispor.

Assim, o interior do território não terá sido a paisagem deserta onde posteriormente eclode um megalitismo funerário sem antecedentes populacionais que o justificassem, ao invés estaríamos perante uma base demográfica, responsável por uma arquitectura social que permitiu situações posteriores.

A existência de um possível substrato indígena em algumas áreas concretas como o interior alentejano é questão que permanece sem resposta. A frequência em contextos atribuíveis ao Neolítico final e Calcolítico de macro-utensilagem de talhe languedocense não permite identificar, como ocupações mesolíticas alguns sítios onde apenas é recolhido este tipo de material lítico.

A multiplicação, nos últimos anos, de referências relativas a sítios, mais do que povoados, do Neolítico antigo ou na tradição do Neolítico antigo em várias regiões do país, com especial destaque para a Estremadura (Zilhão e Carvalho, 1995, p. 660-665) pode ser lida como indicador potencial de uma expansão demográfica em curso.

Se esta resultou de um novo comportamento demográfico com início no Mesolítico ou se dispara em consequência de uma nova realidade cultural que permite a criação de um sistema demográfico aberto, é questão que não pode ainda ser esclarecida, no entanto

esta densidade demográfica atribui um outro significado ao megalitismo funerário, distinto daquele que resultaria da sua emergência num território fragilmente ocupado.

## 2.2. Os dados da cultura material

Se este é o panorama, ainda que com evidentes lacunas, que poderá caracterizar o Neolítico Antigo no interior de Portugal o quadro que representa o povoamento posterior é quase imperceptível.

São, neste momento, quase inexistentes os dados que permitiriam definir as alterações que se verificaram nos subsistemas económico e sociais de grupos portadores de cerâmicas lisas e que empiricamente integramos no Neolítico Médio, face às comunidades que os antecederam produtoras de uma outra realidade artefactual.

A constatada riqueza da decoração cerâmica, característica partilhada pelas primeiras comunidades neolíticas do espaço europeu, imposta sobre a superfície vazia e incontrolada dos recipientes traduz as potencialidades criadoras dos espaços domésticos, a capacidade que estes detêm de domínio das matérias-primas.

O abandono, num momento posterior, das técnicas decorativas e a produção de recipientes lisos, majoritários nos monumentos megalíticos e, também dominantes nos sítios de *habitat*, só pode ser justificado numa perspectiva social e mental.

Ainda que a informação proveniente de espaços de *habitat* ou de contextos funerários em gruta seja muito reduzida, os povoados fase II da Comporta (Silva et al., 1986), a ocupação funerária atribuída ao horizonte NM da gruta do Caldeirão (Zilhão, 1992), os materiais recolhidos nas camadas C e D do Abrigo da Pena d'Água (Zilhão e Carvalho, 1996), e os espólios provenientes da Fábrica da Celulose e da Quinta da Fidalga (Soares e Silva, 1992), demonstram o domínio das cerâmicas lisas em conjuntos artefactuais integrados no Neolítico Médio.

Se a decoração, que representa um gosto e não um esforço, não é aplicada aos contentores cerâmicos é porque certamente se encontraram outros processos de imposição do artificial sobre o natural.

A consolidação da importância social do lugar de *habitat* pode ter dispensado esta modalidade de criação e comunicação de significado.

Se a cultura material foi produzida e utilizada também para definir e permitir a distinção entre o “nós” e os “outros” estaríamos no Neolítico antigo perante uma imensa família cultural que ocupou não apenas o Centro/Sul de Portugal, mas que se estendia-se por todo o Sudoeste espanhol.

Se a leitura cronológica e cultural que realizamos dos dados disponíveis for conforme à realidade passada a imposição na paisagem dos primeiros sepulcros megalíticos ocorre em espaços já parcialmente dominados pelos sistemas sociais.

Neste momento desconhecemos por completo os rituais de enterramento que foram praticados por estes grupos portadores de cerâmicas decoradas que ocuparam o interior do território. A cerâmica cardial recolhida na gruta do Escoural provém de um contexto funcional desconhecido (Araújo e Lejeune, 1995, p. 52), não sendo, no entanto, improvável que acompanhasse algum enterramento.

Estão em marcha fenómenos de domesticação do espaço no momento, ainda difícil de precisar, em que as comunidades alteram os seus rituais de enterramento, encerrando os mortos em espaços construídos.

Terá sido ao longo do Neolítico Antigo, nas suas distintas etapas, que se estabelecem as principais características das modalidades de povoamento de toda esta fase cultural: ocu-

pação de lugares de altitude, ocupação do interior do território através de estratégias de exploração do espaço de natureza agro-pastoril que dispensam a segurança dos ecossistemas marítimos e estuarinos.

Assim, a emergência do megalitismo funerário não parece corresponder a uma significativa transformação do subsistema económico que em rápida expansão o exigia, ao contrário as rupturas decisivas ao longo do Neolítico acontecem no campo cultural. Verifica-se o abandono da decoração na cerâmica e o início de construções arquitectónicas para os mortos.

### 2.3. As coordenadas cronológicas

Neste momento são ainda pouco numerosas as datações absolutas relativas ao Neolítico antigo no território português, quase inexistentes as provenientes de contextos do Neolítico Médio, e as datações referentes às origens do megalitismo funerário apresentam uma desigual proveniência geográfica, com raras datações obtidas para os monumentos do Sul de Portugal, e dificuldades interpretativas dada a origem estratigráfica de algumas amostras.

É, no entanto, possível esboçar um quadro cronológico, ainda que provisório, relativo ao processo de neolitização no território português e procurar perceber o Tempo Longo de um conjunto de transformações culturais.

O conjunto de datações abaixo apresentadas não deve ser encarada sem algumas reservas, para alguns sítios possui-se apenas um único intervalo de tempo, algumas amostras provenientes de sítios como a Cabranosa, Correio-Mor, Salemas não resultam de recolhas estratigráficas em escavação, e as datas obtidas para os monumentos megalíticos do Norte de Portugal funcionam, dada a sua origem no terreno, como *terminus post quem* para a construção e primeiras utilizações destes monumentos.

Assim é, neste momento, possível colocar o início da neolitização da faixa litoral do território português na segunda metade do VI milénio a.C. e a existência de comunidades portadoras de cerâmicas lisas do Neolítico médio na segunda metade do V milénio, transição para o IV milénio a.C.

A primeira etapa do processo de neolitização teria então uma duração mínima de cerca de um milénio, período de tempo suficientemente longo para permitir a expansão do sistema produtor à totalidade do território.

No entanto, os valores obtidos para a ocupação neolítica do Buraco da Pala, finais do VI, primeira metade do V milénio cal BC parecem traduzir uma rapidez efectiva na difusão, para o interior do sistema produtor, ainda que acompanhada por transformações ao nível da cultura material.

A coincidência dos valores não calibrados obtidos para alguns contextos do Neolítico médio e o momento a partir do qual terão sido construídos alguns monumentos megalíticos do Norte de Portugal confirma a já estabelecida origem do megalitismo funerário numa etapa média do Neolítico, algures entre a segunda metade do V e os inícios do IV milénio cal BC, momento cronológico e cultural em que se substituem em contextos domésticos e funerários os conjuntos cerâmicos profusamente decorados por recipientes lisos, em que se definem novos comportamentos ao nível simbólico sem que se detectem transformações substantivas no “subsistema económico”...

A ausência de datações absolutas para as origens do megalitismo funerário no Sul de Portugal, onde se devem encontrar alguns dos mais antigos monumentos, não permite confirmar ou corrigir os valores sobre os quais podemos reflectir.

## Neolítico Antigo

Sítio	Contexto	Laboratório	Amostra	Resultado BP	Cal BC $2 \sigma$
Cabranosa (1)		Sac-1321	conchas marinhas	6550 $\pm$ 70	
Abrigo Pena d'Água (2)	Eb (base)	ICEN-1146	Carvão	6390 $\pm$ 150	5579-4962
Correio-Mor (1)	nível médio	ICEN - 1099	Carvão?	6350 $\pm$ 60	5431-5393
Caldeirão (3)	NA2	OxA - 1035	Metápode de <i>Ovis</i>	6330 $\pm$ 80	5480-5079
Caldeirão		OxA - 1034	Falange de <i>Ovis</i>	6230 $\pm$ 80	5340-4940
Caldeirão		OxA - 1033	Costela de <i>Homo</i>	6130 $\pm$ 90	5296-4843
Caldeirão	NA1	OxA - 1037	Falange de <i>Bos</i>	5970 $\pm$ 120	5220-4583
Caldeirão		OxA - 1036	Falange de <i>Bos</i>	5870 $\pm$ 80	4941-4540
Caldeirão		TO - 350	Costela de <i>Homo</i>	5810 $\pm$ 70	4895-4510
São Pedro (4)	UE4	ICEN-1152	Carvões	6070 $\pm$ 60	5200-4830
	UE4	ICEN-1151	Carvões	6020 $\pm$ 60	5060-4780
Pedreira das Salemas (1)		ICEN - 351	Ossos humanos	6020 $\pm$ 120	5230-4670
Casa da Moura (3)		TO - 953	Cúbito de <i>Homo</i>	5990 $\pm$ 60	5192-4780
Medo Tojeiro (3)	Camada 4	Beta -11723	Carvão	5420 $\pm$ 160	4675-3970
Pontal (5)*	C2 -base	CSIC - 648	Conchas	4930 $\pm$ 50	

## Neolítico Médio

Sítio	Contexto	Laboratório	Amostra	Resultado BP	Cal BC $2 \sigma$
Gruta do Cadaval (2)	camada D	ICEN - 803	?	5390 $\pm$ 50	4343-4084
Gruta do Cadaval	camada D	ICEN-464	?	5160 $\pm$ 50	4071-3807
Abrigo Pena d'Água (2)	Db	ICEN - 1147	Carvão	5180 $\pm$ 240	4468-3383
Abrigo Pena d'Água	Ea	ICEN - 1148	Carvão	5170 $\pm$ 200	4444-3535
Caldeirão (3)	NM	TO - 349	Costela de <i>Homo</i>	4940 $\pm$ 70	3950-3541
Barrosinha (5)*	1.ª fase	CSIC - 652	Conchas	4720 $\pm$ 50	
Barrosinha	2.ª fase	CSIC - 649	Conchas	4580 $\pm$ 50	

## Megalitismo

Sítio	Contexto	Laboratório	Amostra	Resultado BP	Cal BC $2 \sigma$
Chã de Parada (3)	Lareira sob mamoa	ICEN -162	Carvão	4454-4239	5470 $\pm$ 45
Chã de Parada		ICEN - 169	Carvão	5420 $\pm$ 40	4355-4159
Meninas do Crasto 2 (6)	Paleo-solo	CSIC - 656	Carvão	5260 $\pm$ 50	4350 - 3870
Mina do Simão (7)	?	CSIC - 717	?	5130 $\pm$ 90	
Chã de Santinhos 2 (6)	Lareira sob mamoa	Gif - 6784	Carvão	4990 $\pm$ 50	
Chã de Santinhos 1 (6)	Lareira sob mamoa	Gif - 6783	Carvão	4980 $\pm$ 50	
Carapito 1 (8)	Base da fossa de esteio	OxA - 3733	Madeira carbonizada	5125 $\pm$ 70	4213-3780
Carapito 1	Base da fossa de esteio	TO - 3336	Madeira carbonizada	5120 $\pm$ 40	4031-3813

1 (Cardoso et al., 1996, p. 10, 22) • 2 (Zilhão e Carvalho, 1996, p. 661) • 3 (Zilhão, 1992, p.78, 152) • 4 (Simões, 1996, p. 331) • 5 (Silva e Soares, 1986, p. 63) • 6 (Jorge, 1985, p. 157-158) • 7 (Kalb, 1989, p. 44) • 8 (Cruz e Vilaça, 1994, p. 65)

\* Nas datações obtidas para os sítios da Comporta a partir de amostras de conchas não foi corrigido o efeito de reservatório oceânico das águas costeiras portuguesas.



### 3. Neolitização e megalitismo

---

Comentar o megalitismo funerário observando a situação histórica que o antecede, analisando as condições sociais, mentais e económicas prévias, que em meu entender não funcionam como causas necessárias e suficientes de uma realidade arquitectónica que assim seria à partida manifestação previsível e esperada, implica reconhecer que as comunidades neolíticas não constroem apenas uma nova conexão social com o espaço, com a paisagem, e com outros grupos humanos, mas estabelecem uma outra relação com os mortos.

Foi atribuído um novo significado aos mortos, ou ao morto uma vez que os enterramentos aconteceram como actos únicos e isolados, observando nós agora um somatório de acções individualizadas no tempo que confere a estes enterramentos um carácter “colectivo” que pode não ter sido a intenção primordial. E perguntam-nos são os actuais cemitérios lugares de enterramento colectivo ou individual? A resposta só depende do ângulo em que os observarmos.

O pequeno número de inumações realizadas no interior dos mais arcaicos monumentos obedece certamente a um princípio simbólico distinto daquele que esteve subjacente à utilização como “gigantescos ossuários” (Gonçalves, 1992, p. 125) dos grandes monumentos calcolíticos.

A longa diacronia e a vasta extensão geográfica do megalitismo funerário garantem a multiplicidade de leituras e utilizações que estes monumentos envolvidos num processo histórico e logo dinâmico sofreram.

O megalitismo tem, nas últimas décadas, sido com frequência justificado enquanto fenómeno dependente de conjunturas económicas que exigissem marcos territoriais, isolados ou agrupados em necrópoles, implantados em lugares de destaque ou camuflados na paisagem, com arquitecturas, rituais de enterramento e espólios que muito fizeram discurrir acerca da unidade do múltiplo e da multiplicidade do uno...

No entanto, se o megalitismo estará indiscutivelmente associado na paisagem holocénica a novas formas de obtenção de alimentos e de exploração da terra e dos animais, à exploração e transformação de outras matérias-primas, ele traduz também uma profunda alteração mental que tem sido menos debatida.

Poderíamos estar perante um quadro histórico que seria linearmente traçado em concordância com as, já um tanto ultrapassadas, leituras marxistas em que se teria verificado inicialmente uma transformação da infra-estrutura económica que no tempo longo acarretaria uma alteração da superestrutura ideológica e mental.

A explanação pode, no entanto não ser tão simplista e de valor tão universal, o megalitismo funerário parece inscrever-se num movimento cultural que claramente o transcende, mas do qual é parte integrante, de domesticação do espaço, da sociedade e do morto.

Se recuarmos numa perspectiva cultural e não tanto cronológica, atenda-se às datações obtidas para alguns sítios mesolíticos, e analisarmos o comportamento dos últimos caçadores-recolectores, verificamos a existência de uma sobreposição, ou mais exactamente, de um só espaço para vivos e mortos, estabelecidos em ecossistemas estratégicos, numa clara expressão de uma *territorialidade qualitativa*, de identificação de uma comunidade com um espaço concreto, ainda que este seja utilizado a um ritmo sazonal.

O morto é colocado numa depressão escavada no solo e para além de algum material lítico de duvidosa intencionalidade deposicional, este é acompanhado de objectos de adorno, possivelmente utilizados em vida, realizados sobre concha ou búzio, pequenos nódulos de ocre, e algumas conchas ainda intactas (Roche, 1960, p. 128-129).

A simplicidade do ritual detectado não traduz necessariamente uma estrutura simbólica rudimentar, a proximidade espacial entre uma comunidade e os seus antecessores deve ter constituído uma linha de significado dominante na construção social da morte, dispensando materializações mais elaboradas.

Os escassos enterramentos que podemos atribuir ao Neolítico Antigo (aqui englobada a sua etapa evoluída) demonstram a utilização de grutas naturais como necrópoles e a provável colocação junto ao morto de vasos cerâmicos decorados.

É ainda desconhecida a distância que separa estas grutas funerárias dos povoados dos seus utilizadores (estes últimos só agora começam a ser identificados), no entanto parece evidente a existência de duas áreas bem definidas: sítios de *habitat*; lugares de enterramento.

Os incipientes sinais de utilização doméstica detectados em algumas grutas funerárias podem reflectir actividades associadas aos rituais de enterramento mais do que uma ocupação pontual daqueles abrigos (Zilhão, 1992, p. 121).

A criação, ainda que numa arquitectura natural, e utilização de espaços reservados aos mortos, diferentes do *habitat*, espaços mergulhados nas trevas, limitados e finitos, terá sido consequência de uma outra estrutura mental, inventada pelas primeiras comunidades que produzem alimentos.

Os monumentos megalíticos parecem, no entanto assumir e ultrapassar estes postulados mentais, traduzindo uma domesticação do morto aparentemente mais efectiva.

Inicia-se a construção pela primeira vez de uma paisagem funerária dominada, possuía mentalmente como o cenário doméstico onde se realizam as actividades quotidianas.

A separação espacial entre vivos e mortos é no caso do megalitismo funerário tornada mais nítida pela construção de uma barreira física, arquitectónica que encerra ou devolve às trevas primordiais esse agente do caos que é o morto.

Aprisionado através de um ritual específico o morto transforma-se em antepassado, em actor social, anulando-se assim o poder perturbador da morte.

Junto ao morto colocam-se, analisando os espólios mais elementares e aparentemente mais arcaicos, materiais de uso quotidiano de alto potencial transformador, como machados e enxós de pedra polida, ou artefactos em matérias-primas irreversivelmente transformadas, domesticada, como é o caso dos vasos cerâmicos.

Se o papel simbólico dos machados envolvidos na criação da clareira, do futuro campo agrícola, espaço antropizado por excelência, já foi claramente mencionado será também necessário referir a carga conceptual associada aos vasos cerâmicos, recipientes destinados à preparação, transformação e consumo de alimentos e que evocam inequivocamente um universo doméstico.

A inclusão, muito frequente, de dormentes e moventes nos *tumuli* destas estruturas, e por vezes no seu interior (Jorge, 1983-84, p. 42), que terá implicado o seu transporte desde o local de *habitat*, não se deve justificar pela raridade de material pétreo ou como resultado de uma acção aleatória.

A colocação deste tipo de artefactos, destinados à transformação de vegetais, cultivados ou recolhidos, em alimento, no limite exterior do monumento funerário reveste-o de uma carga imensa de domesticidade.

E esta parece-me a essência comum de aparências tão díspares, transformar o morto em um signo, oferecer-lhe um lugar na organização neolítica da paisagem, em suma domesticar a morte.

Esta ideologia pode ser partilhada por comunidades agrícolas ou essencialmente pastoris, com ritmos distintos de fixação ao território e que podem acrescentar significados

particulares, que a diversidade de espólios certamente traduz, aos monumentos funerários que construíram e/ou utilizaram.

Justifica-se o polimorfismo desta arquitectura funerária enquanto concretizações regionais, não estáticas diacronicamente, de um preceito partilhado, historicamente associado a um movimento amplo de domesticação e conquista dos territórios.

A análise, levada a cabo por diversos autores, de grupos megalíticos concretos tem vindo a demonstrar a existência de princípios concretizados que obedecem a uma lógica regional, e portanto variável, na disposição dos monumentos.

Se nos territórios megalíticos alentejanos poderíamos detectar alguma proximidade entre lugares de vivos e de mortos, panorama distinto do verificado no Norte onde se admite uma exclusão aparente destas realidades, tal poder-se-á explicar pelas características naturais da paisagem, por uma outra modalidade de implantação no espaço, talvez não tão móvel, e por uma distinta densidade demográfica.

No Norte de Portugal, a construção de monumentos megalíticos a cotas elevadas, ainda que a altitude seja um conceito relativo à área envolvente, e em locais de domínio da paisagem pode traduzir o desejo expresso de domesticar territórios que, podendo ser marginais às áreas de exploração económica preferencial, constituem o espaço envolvente.

Estaremos perante fenómenos, neolitização e megalitismo, profundamente interligados e que no tempo longo da Pré-História podem ser considerados revolucionários, fenómenos a partir dos quais emerge uma paisagem transformada, submetida a um plano arquitectónico que enquadra vivos e mortos.

O primeiro esforço de construção, as primeiras arquitecturas que exigiram um plano prévio e uma intenção, não foi dirigido aos lugares de *habitat*, lugares domésticos por excelência, sítio onde se transformam matérias-primas e para onde se dirigem os resultados de um espaço dominado, é antes destinado ao controle dessa criatura desobediente ao desejo dos vivos.

E não se destinariam algumas particularidades arquitectónicas evidentes ao nível do alçado do corredor de alguns monumentos, não apenas a dificultar a entrada dos vivos, mas também impedir a saída dos mortos?

A neolitização terá sido um processo bipartido, que ultrapassa a utilização mecânica de cereais e animais domésticos, processo evidente no registo arqueológico quando se associam a estruturas produtivas mortos domesticados, depositados em recintos catalizadores do seu poder.

Mais do que um cenário, e o papel das fachadas, dos átrios e das deposições rituais no exterior dos monumentos é aqui de realçar, estaríamos perante uma arquitectura mágica, uma arquitectura que oculta, mas que também transforma o seu conteúdo.

Se o monumento construído é de maiores ou menores dimensões, se possui um corredor de vários metros, apenas uma câmara, ou nenhuma estrutura no interior da mamao, se o espólio é mais ou menos rico, mais ou menos monótono, numa listagem incompleta das concretizações megalíticas, podia ser atributo aglutinador do polimórfico megalitismo funerário a intenção comum de domesticar o morto.

---

<sup>1</sup> Assistente da Faculdade de Letras; Investigadora do Centro de Arqueologia

## BIBLIOGRAFIA

---

- ARAÚJO, A. C.; LEJEUNE, M. (1995) - *Gruta do Escoural: necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica*. Lisboa: IPPAR (Trabalhos de Arqueologia; 8).
- CALADO, M.; SARANTOPOULOS, P. (1995) - Cromelech de Vale Maria do Meio (Évora, Portugal): contexto geográfico e arqueológico. *I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica*. Gavà (Rubricatum, 1, 2), p. 493-503.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J.; FERREIRA, O. da V. (1996) - Novos elementos para o estudo do Neolítico antigo da região de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 9-26.
- CRUZ, D.; VILAÇA, R. (1994) - O Dólmen 1 do Carapito (Aguaiar da Beira, Guarda): novas datações de Carbono 14. In *O Megalitismo no Centro de Portugal: Mangualde, Nov. 1992*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira-Alta, p. 63-68.
- DINIZ, M. (1994) - *Acerca das cerâmicas da gruta da Furninha (Peniche) e da problemática da neolitização no Centro/Sul de Portugal*. Provas ECDU, apresentadas à Faculdade de letras de Lisboa. Policopiado.
- DINIZ, M.; CALADO, M. (1998) - O povoado neolítico da Valada do Mato (Évora, Portugal) e as origens do megalitismo alentejano. In *II Congresso de Arqueologia Peninsular*. Zamora: Fundación Afonso Henriques, 1.
- GOMES, M. V. (1994) - Menires e cromesques no complexo cultural megalítico português - trabalhos recentes e estado da questão. In *O Megalitismo no Centro de Portugal: Mangualde, Nov. 1992*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira-Alta, p. 317-342.
- GONÇALVES, V. S. (1992) - *Revendó as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC.
- GUILAINE, J.; FERREIRA, O. da V. (1970) - Le Néolithique ancien au Portugal. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 67:1, p. 304-322.
- JONES, M.; BROWN, T.; ALLABY, R. (1996) - Tracking early crops and early farmers: The potential of biomolecular archaeology. In HARRIS, D., ed - *The Origins and Spread of Agriculture and Pastoralism in Eurasia*. Londres: UCL Press, p. 93-100.
- JORGE, V. O. (1983-84) - Megalitismo do Norte de Portugal: um novo balanço. *Portugalia*. Porto. 4-5, p. 37-51
- KALB, P. (1989) - A neolitização e o megalitismo no Oeste da Península Ibérica. *Arqueologia*. Porto. 20, p. 33-48
- ROCHE, J. (1960) - *Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- SANCHES, M. J. (1996) - *Ocupação pré-histórica do Nordeste de Portugal*. [s.l.]: Fundación Rey Afonso Henriques (Séries y Estudios Monográficos).
- SILVA, C. T.; SOARES, J.; PENALVA, C. (1986) - Neolítico da Comporta: aspectos cronológicos (datações 14C) e paleo-ambientais. *Arqueologia*. Porto. 14, p. 59-82.
- SIMÕES, T. (1996) - O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim (Sintra). In *I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica*. Gavà (Rubricatum, 1, 2), p. 329-336.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1992) - Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 37-88
- VALERA, A. (1997) - *O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda): aspectos da calcolitização da bacia do Alto Mondego*. Lisboa: Câmara Municipal de Fornos de Algodres.
- ZILHÃO, J. (1992) - *Gruta do Caldeirão - O Neolítico Antigo*. Lisboa: IPPAR (Trabalhos de Arqueologia; 6).
- ZILHÃO, J.; CARVALHO, A. F. (1995) - O Neolítico do Maciço Calcário Estremenho: crono-estratigrafia e povoamento. In *I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica*. Gavà (Rubricatum, 1, 2), p. 659-671.